

Capítulo 17

Trabalho e qualidade de vida II

Introdução

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2007a), a população total do município de Porto Rico, pelo Censo de 2000, correspondia a 2550 pessoas; por sua vez, a População Economicamente Ativa (PEA) correspondia a 1113 pessoas.

Quanto ao emprego, este último estudo apontava a existência, no município, de 318 trabalhadores formalmente registrados e de 508 trabalhadores em situação de informalidade. Estes dados evidenciam a escassez de empregos formais (28,6% da PEA) e mesmo informais (45,6% da PEA). Além disso, é importante salientar que quase a metade da PEA se encontrava na informalidade; portanto, sem direitos trabalhistas e com remuneração apenas pelos dias trabalhados ou trabalho realizado.

Condições como estas não são frutos do acaso.

As relações estabelecidas para a produção podem se dar por exploração ou por colaboração recíproca. As relações de produção são de exploração quando a propriedade dos meios de produção é privada. Nesse tipo de relações de produção, quem não possui os meios de produção, mas apenas sua força de trabalho, se vê obrigado a vendê-la para poder viver. Quem determina o valor e o preço da força de trabalho é o mercado, em última instância, e o proprietário dos meios de produção, em primeira instância. Os trabalhadores que contam apenas com sua força de trabalho podem, no máximo, se unir para negociar com os proprietários o preço a ser pago pelo seu trabalho e algumas condições de execução do mesmo.

As relações sociais de produção, na região de Porto Rico (como, aliás, na maior parte do mundo atual), são realizadas fundamentalmente mediante exploração da força de trabalho pelos proprietários dos meios de produção, como é largamente conhecido.

De acordo com Rosa (1997), Tomanik, Godoy e Ehlert (1997) e Tomanik e Godoy (2004), a situação das populações de baixa renda da região é precária. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (BRASIL, 2007c), em 2000, 33,75% da população da cidade se encontrava abaixo da Linha de Pobreza (Renda domiciliar *per cápita* inferior a R\$ 75,50 ou meio Salário Mínimo Regional

da época); e 11,14% abaixo da Linha de Miséria (Renda domiciliar *per cápita* inferior a R\$ 37,75 ou um quarto do Salário Mínimo Regional).

Mesmo as atividades mais tradicionais ao alcance da população de baixa renda da região – a pesca e a agricultura – hoje são escassas ou muito pouco rentáveis. Embora historicamente a pesca tenha sido uma atividade profissional importante na região, “com a barragem da Hidrelétrica de Primavera em São Paulo e da Hidrelétrica de Itaipu no Paraná, o nível do rio se alterou, permanecendo sempre baixo [...]” (PARANÁ, 2007). Essa alteração tem conseqüências no bioma local. Ao permanecer sempre baixo o rio, os pulsos de inundação diminuíram consideravelmente e com isso as lagoas marginais também diminuíram em número e quantidade de água. Assim, o local de reprodução de diversas espécies de peixes se viu prejudicado. Conseqüentemente, a quantidade e a diversidade de peixes diminuíram o que diminuiu ainda mais os ganhos com a atividade pesqueira.

A cultura do algodão tornou-se escassa. Restou uma agricultura de subsistência para os que têm terra e a cultura da mandioca.

A pecuária (especialmente a extensiva), embora importante enquanto atividade produtiva, não é significativa do ponto de vista do emprego, haja vista que 3 a 4 peões conseguem cuidar de um rebanho. Entretanto, constitui a segunda atividade econômica mais importante do município, como veremos em seguida.

De acordo com o IBGE (BRASIL, 2007b), o Produto Interno Bruto (PIB) municipal, de R\$8.576.234 em 2006, foi integrado, em 44,1% pela produção agropecuária, 2,2% pela produção industrial e em 53,7% pela prestação de serviços.

Outro conjunto de dados deve ser salientado: de acordo com a mesma fonte, enquanto a PEA *augmentou* entre 2000 e 2005 de 1113 para 1575 pessoas, a quantidade de empregos formais *diminuiu* no mesmo período de 318 para 297.

Temos, então, um quadro complexo, no qual se interligam as baixas remunerações e as precárias condições de execução das atividades informais, a escassez e a diminuição dos empregos formais, os impactos ambientais e, com eles, a diminuição das possibilidades de atividades tradicionais, como a pesca, que garantiam a geração de renda para boa parte da população local.

Além disto, as atividades profissionais não constituem apenas exercícios físicos destinados à obtenção de uma remuneração. Para Engels (1982, p. 9), “[...] o trabalho é o próprio fundamento da vida humana”. É a atividade que possibilita modificar o mundo e receber essa ação transformadora de volta, transformando o próprio homem que a executou.

Mas o trabalho nem sempre é motivador e nem sempre fornece satisfação a quem o desempenha. A existência de motivação e de satisfação associadas ao trabalho depende das condições objetivas e subjetivas em que ele é realizado.

Herzberg (1975, p. 7) afirma que “o oposto de satisfação no trabalho não é insatisfação, mas sim *nenhuma* satisfação no trabalho; e, da mesma forma, o oposto de insatisfação no trabalho não é satisfação, mas sim *nenhuma* insatisfação no trabalho”.

Considerando-se essa afirmação, é importante assinalar que os satisfatores de um trabalhador, em condições diferentes, podem ser diferentes. Mais ainda, os satisfatores para os trabalhadores de baixa renda da região em estudo, provavelmente serão diferentes daqueles que sejam adequados para um pesquisador, um operário de uma multinacional, ou um técnico autônomo num grande centro urbano.

Entretanto, as pesquisas do mesmo autor citado acima, mostram a existência de fatores comuns que provocaram extrema satisfação ou extrema insatisfação. Esses fatores foram agrupados em dois conjuntos de necessidades. Herzberg (1975, p. 8) afirma que:

estão presentes no caso dois conjuntos de necessidades diferentes do homem. Um deles pode ser considerado originário de sua natureza animal: o impulso natural para evitar o sofrimento causado pelo meio ambiente, mais os impulsos adquiridos que se tornam condicionados às necessidades biológicas básicas. A fome, por exemplo, que é um impulso biológico básico, torna necessário ganhar dinheiro e este depois se torna um impulso específico.

Mas nem todas as necessidades humanas são biológicas. O homem é um ser bio-psico-social e tem, portanto, necessidades psicológicas e sociais também. “O outro conjunto de necessidades relaciona-se com aquela característica humana singular, que é a capacidade de realizar e, através da realização, desenvolver-se psicologicamente” (Herzberg, 1975, p. 8).

Os estímulos que deflagram as necessidades psicológicas e sociais estão vinculados *ao trabalho em si*. Já os estímulos que induzem o comportamento de evitação do sofrimento se encontram no *ambiente de trabalho*.

Os fatores de desenvolvimento ou *motivadores* inerentes ao trabalho são: realização, reconhecimento da realização, o próprio trabalho, responsabilidade e desenvolvimento ou progresso. Os fatores de prevenção da insatisfação ou *higiene* compreendem: política e administração da organização, supervisão, relações interpessoais, condições de trabalho, salário, situação e segurança (Herzberg, 1975, p. 8).

Isto significa que quando dirigentes ou líderes procuram eliminar fatores que criam insatisfação no trabalho, podem “aplar” a força de trabalho mas não conseguir que ela se sinta motivada para trabalhar. Esta poderá, portanto, produzir, porém dificilmente irá sentir-se feliz com sua atividade produtiva. (Robbins, 1999).

A constatação da escassez de trabalho e renda dos trabalhadores da região em estudo (Porto Rico, no Estado do Paraná) foi o que despertou interesse por entender melhor os trabalhadores locais e verificar a existência de atividades produtivas tecnicamente viáveis e ecologicamente adequadas. Afinal, diante de um quadro de escassez de fontes de trabalho e renda, inclusive as mais tradicionais - como a pesca e a agricultura - da diminuição progressiva da população e da dependência de muitos deles dos recursos públicos para se sustentar, algumas perguntas foram inevitáveis: porque continuam aqui? Qual o significado do trabalho? Estão motivados para trabalhar? Quais suas aspirações?

Objetivos e Procedimentos

O período inicial de trabalho, de janeiro de 2004 a agosto de 2006, consistiu em visitas à região em estudo. Nessas visitas foram feitos contatos, de maneira informal, com diferentes pessoas da sociedade local. Durante essas visitas foram realizadas diversas conversas e observações. Foi a partir dessas informações e observações iniciais que o Projeto inicial pode ser aperfeiçoado.

Objetivou-se, de início, entrar em contato com as pessoas, identificar lideranças, ouvir histórias sobre o passado distante e sobre o recente e tornar-se conhecido. Foram muitas “conversas” para se chegar a esse ponto. Posteriormente foi necessário sensibilizar-se quanto aos melhores meios metodológicos para desenvolver o trabalho. Em seguida, foi iniciada a pesquisa propriamente dita.

A proposta foi a de elaborar, num primeiro momento, um panorama da região em estudo, uma análise das condições de vida da população e das atividades produtivas existentes. Num segundo momento, através de nova pesquisa, verificar o estilo de vida dos trabalhadores de baixa renda da região de Porto Rico, como eles percebem o trabalho realizado e se este lhes proporciona satisfação ou não e, finalmente, quais as suas motivações e aspirações profissionais.

Assim, em um levantamento, realizado entre 19 e 22 de dezembro de 2006, foram colhidos dados gerais para entender o trabalhador e conhecer as atividades de trabalho realizadas, mediante entrevistas nas quais foi administrado questionário-formulário a 174 pessoas aleatoriamente selecionadas. Foram visitadas 174 residências, o que corresponde a 23% dos domicílios registrados pelo IBGE em 2001 (BRASIL, 2007b), para a localidade.

Para entender esse trabalhador e seu estilo de vida, foram levantados dados socioeconômicos sobre os trabalhadores (sexo, idade, escolaridade, longevidade e moradia) e sobre seu trabalho: atividades produtivas desempenhadas, remuneração, outras opções profissionais em Porto Rico e em outras localidades, e remuneração necessária para viver bem. Foram levantados também dados psicossocioantropológicos sobre concepção do trabalho, motivação, satisfação e aspirações a respeito deste; satisfação com remuneração, atividades produtivas almejadas, ocupação preferida e ocupação não desejada.

Quadro 1: Ocupações principais e setores de atividade dos entrevistados (primeira amostra)

| OCUPAÇÃO | Nº | % | SETOR |
|--------------------------------|------------|------------|-----------------------|
| Pensionista/aposentado | 31 | 18 | Não trabalha mais |
| Diarista/doméstica | 26 | 15 | Doméstico |
| Do lar | 30 | 17 | Doméstico |
| Funcionário público | 19 | 11 | Público |
| Professor | 8 | 5 | Público |
| Estudante | 2 | 1 | Público |
| Pescador | 16 | 9 | Produtivo tradicional |
| Agricultor | 4 | 2 | Produtivo tradicional |
| Comércio | 6 | 4 | Privado |
| Construção civil | 7 | 4 | Privado |
| Vendedor | 4 | 2 | Privado |
| Vigia/vigilante/guarda noturno | 3 | 2 | Privado |
| Clérigo | 2 | 1 | Privado |
| Auxiliar odontológico | 2 | 1 | Privado |
| Autônomo | 6 | 3 | Autônomo |
| Desempregado | 8 | 5 | Desempregado |
| TOTAL | 174 | 100 | TOTAL |

Resultados e Discussão

A amostra de 174 pessoas foi composta por 115 mulheres e 66 homens. Dos entrevistados, 20% estavam na faixa entre os 10 e os 29 anos, 58% entre os 30 e os 59 e os restantes 22% tinham acima de 60 anos.

Em relação à escolaridade, 18% dos entrevistados declararam-se analfabetos, 3% afirmaram que apenas sabiam ler e escrever, 38% disseram ter cursado mas não completado o Ensino Fundamental, 6% haviam concluído este mesmo nível de ensino; 5% haviam cursado mas não concluído o Ensino Médio, 22% haviam concluído este nível, 1% frequentava um curso de Ensino Superior, 5% haviam completado um Curso Superior e 1% havia concluído um Curso de Pós-Graduação.

Assim, na perspectiva da exigência de escolaridade, para desempenhar atividades profissionais básicas do mercado de trabalho contemporâneo, apenas pouco mais de 29% dos entrevistados poderiam fazê-lo ¹. O Quadro 1 (anexo) evidencia que as ocupações exercidas por eles, em sua grande maioria, são aquelas que exigem pouca qualificação profissional e que oferecem, em contrapartida, ganhos reduzidos.

A maioria (52%) dos entrevistados declarou receber até 1 Salário Mínimo Regional, 31% situaram seus ganhos na faixa entre 1 e 2 Salários, 3% na faixa entre 2 e 3; 10% declararam receber mais de 3 Salários Mínimos e os restantes optaram por não responder à pergunta.

Assim, o cenário constatado entre os entrevistados reflete as condições locais: a pesca profissional encontra-se quase inviabilizada, a atividade agropecuária está concentrada em propriedades de médio ou grande porte que pouca mão-de-obra contratam sazonalmente. A atividade de trabalho disponível na área urbana está restrita a algumas atividades na Prefeitura, nas marinas, nos hotéis e pensões (além dos “clubes” ²) e no pequeno comércio local.

As respostas de nossos entrevistados sobre as razões que os estariam levando a para realizar a atividade atual puderam ser agrupadas ao redor de 3 grandes categorias: o exercício da atividade por opção, por falta de opção e a existência de limitações. A falta de opção foi a categoria que agrupou a maior proporção de respostas: 62%; a existência de limitações agrupou 12% e apenas 24% das respostas indicaram que seus elaboradores exerciam suas atividades atuais por opção pessoal.

Paradoxalmente, 55% declararam estar satisfeitos com a atividade de trabalho atual, 35% afirmaram não estar satisfeitos e 10% não responderam.

Pode ser inferido, a partir do cruzamento dos dados de ambas as questões, que o “estar satisfeito” se refira a “estar satisfeito por que está sobrevivendo”. Essa afirmação é reforçada pela resposta à pergunta, “Porque não está satisfeito com seu trabalho atual?”. Para 54% dos entrevistados, o motivo é que “ganha pouco; 18% afirmam não ter opção alternativa; 13% declaram que o motivo é que “as barragens acabaram com os peixes”; 5% afirmam que prefeririam trabalhar na roça e 2% porque “às vezes fica sem serviço”; 8% não responderam.

¹ De acordo com os Dados Estatísticos do Analfabetismo – IBGE – Censo 2000, a taxa de analfabetismo da população com 15 anos e mais no Brasil é 13,63% e a da Região Sul, 7,66%. Isso coloca a taxa de Porto Rico no nível da taxa da Região Norte, 16,34%.

² Os “clubes” são locais de residência temporária de baixo custo, utilizados pelos turistas, que empregam diaristas para os serviços de limpeza e alimentação.

A necessidade de sobreviver certamente fala mais alto. Num mercado local onde as oportunidades de trabalho são escassas (a ponto da Prefeitura contratar varredores de rua em revezamento, para poder atender mais pessoas), todo e qualquer trabalho que se apresenta é bem-vindo.

A resposta à pergunta “Porque está satisfeito com o que ganha” deixa clara a validade da inferência anterior. Para 61%, porque “dá para sobreviver”; para 2 %, porque “ganha mais que antes”; 3% afirmaram que “poderiam ganhar mais”; 1% foi classificado como “outras respostas”; 33% não responderam. Este alto percentual sugere porque algumas pessoas aparentavam estar confusas quando tentavam responder esta pergunta nas entrevistas; possivelmente porque havia algum nível de percepção de que, na verdade, *não sabiam se estavam satisfeitos ou se não tinham satisfação alguma*.

Os entrevistados foram consultados também sobre qual seria, para eles, “o melhor trabalho do mundo”, com o intuito de especificarem aquele trabalho que é bom em si, sem considerar se existe ou não em Porto Rico ou se seria viável ou não desempenhá-lo e, portanto, qual sua aspiração de trabalho. As maiores concentrações de resposta foram “Não sabe” (21%), “Outras respostas” (27%, com alta dispersão), “Todos” e “Qualquer um” (12%). É importante considerar que essas três opções significam 60% do total de respostas obtidas, ou seja, 6 de cada 10 entrevistados não sabiam.

O “melhor trabalho do mundo”, portanto, é uma categoria com pouco significado para os entrevistados. O que conta é “o aqui e agora”, o que se pode fazer para sobreviver pode não ser bom nem satisfatório, mas é o indispensável e o possível. O melhor trabalho do mundo *é o meu, aquele que tenho, aquele que garante minha sobrevivência*, ou seja, a necessidade mais intensa é sobreviver. Seguramente esta necessidade foi considerada entre aquelas de natureza animal. Na perspectiva das aspirações, “como aspirar a ter o que não existe”?

Foram pesquisadas duas dimensões sobre “viver bem”: na primeira perguntou-se “quanto é necessário para viver bem?” e, na segunda, “o que é necessário para viver bem?”. Na perspectiva de quanto dinheiro é necessário para viver bem, 71% responderam que entre R\$ 301,00 e R\$ 1.200,00. Portanto, tal quantia deveria ser o suficiente para terem saúde, trabalho, moradia, roupa, conforto, já que 58% dos entrevistados forneceram as mesmas respostas a ambas as perguntas. Além disso, os satisfatores que não podem ser comprados - família estruturada, paz, harmonia, felicidade, sossego, Deus, amizade, amor ao próximo, boa vizinhança - são válidos para 81% da amostra, o que evidencia uma certa homogeneidade cultural. Isso pode ser entendido como um valor cultural, também.

Em suma, pode se deduzir que o trabalhador de Porto Rico se sente obrigado a aceitar as oportunidades de trabalho que se apresentam. A sua relação com o trabalho é absolutamente pragmática, já que 62% desempenham aquela atividade *por falta de opção*: “tudo é trabalho”, “faço qualquer coisa”, “quando tem necessidade tem que fazer o que encontra”. Quando foi perguntado o motivo de sua não satisfação com a atividade realizada, 90% afirmaram ser *por falta de opção*. Assim, o que está em jogo não é sua realização ou satisfação pessoal, é sua sobrevivência.

Conclusões

É por isso que, para eles, o trabalho é uma categoria *extrínseca ao trabalhador*. Fazem o que podem ou o que tem que ser feito sem se perguntar se é bom ou não ou mesmo se poderia ser melhor. Ganham o que podem e vão vivendo. O trabalho é apenas uma atividade, atividade para sobreviver e não atividade motivadora para transformar e ser transformado. Não é mediação para a transformação do mundo e de si mesmo.

O trabalho não é percebido enquanto atividade fundamental para o homem, atividade esta que lhe permite transformar o mundo real num lugar melhor para viver e transformar a si próprio, mediante esse processo, em outrem melhor, com outras condições melhores para não apenas sobreviver, mas para viver *melhor*.

A realização profissional enquanto motivador foi constatada em 24% dos entrevistados. O trabalho enquanto desafio aparece em 18%. Esses dados sugerem haver motivação para se trabalhar em atividades gratificantes e, ao mesmo tempo, desafiadoras, diferentes de viver de aposentadoria sem efetivar trabalho algum ou mesmo sem realizar qualquer atividade, independente de qual seja, apenas como forma de garantia do sustento pessoal e familiar. Vale destacar, ainda, que o trabalho é percebido como necessário para viver bem em apenas 14% dos casos.

Conclui-se que os trabalhadores de baixa renda de Porto Rico retratam cotidianamente o segundo conjunto de necessidades (as higiênicas), originárias de sua natureza animal. É prioritário sobreviver, o que vier a mais, será lucro.

Nessas condições, quais as possíveis aspirações para um contingente populacional com um horizonte cultural tão restrito, com motivações elementares, e que apenas luta pela mera sobrevivência? Seguramente estarão limitadas ao atendimento das necessidades básicas, relativas à sobrevivência. Não estariam conseqüentemente, vulneráveis a todo e qualquer tipo de atividade que a vislumbre?

Diante desse cenário, uma das alternativas para romper com esse círculo vicioso seria a elaboração e operacionalização de projetos que promovam a implantação de mudanças na comunidade, visando um desenvolvimento sustentável.

Tais mudanças precisariam contemplar especialmente as populações de baixa renda e seriam relativas: 1) ao trabalho e seu significado para eles; 2) à sua relação com a natureza por meio do trabalho; e 3) à sustentabilidade da natureza graças às atividades de trabalho a serem realizadas e às formas de desempenhá-las. Mudanças como estas implicariam não apenas em restabelecer formas mais equilibradas de relações com o ambiente físico, mas também em um resgate de seu passado como trabalhadores ligados mais diretamente à natureza e em uma re-valorização de seus saberes e habilidades, pouco úteis nos mercados urbanos de trabalho.

Referências

- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.ibge/censo2000.gov.br
Acesso em 02/07/2007a
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php Acesso em 02/07/2007b.
- BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. www.ipeadata.gov.br Acesso em 02/07/2007c
- HERZBERG, F. *Novamente: como se faz para motivar funcionários?* São Paulo: Ed. Abril. Col. Biblioteca Harvard de Administração de Empresas, Primeiro Volume, Nº 13, 1975.
- PARANÁ. Secretaria de Estado do Turismo. www.pr.gov.br/turismo . Acesso em 02/07/2007.
- ROBBINS, S. P. *Comportamento Organizacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editorial, 1999.
- ROSA, M. C. Processo de ocupação e situação atual. *IN: VAZZOLER, A. E. A. de M., AGOSTINHO, A. A. e HANH, N. S. (Editores). A Planície de inundação do alto rio Paraná - Aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos*. Maringá: EDUEM: NUPELIA, 1997.
- TOMANIK, E. A. E GODOY A. M. G., Demographic Studies in the Upper Paraná River Floodplain. *In: AGOSTINHO, A. A. et al. Structure and functioning of the Paraná River and its Floodplain*. Maringá. EDUEM. 2004.
- TOMANIK, E. A., GODOY, A. M. G. e EHLERT, L. G. A vida na região: dados socioeconômicos do núcleo urbano de Porto Rico. *In: VAZZOLER, A. E. A. de M., AGOSTINHO, A. A. e HANH, N. S. (Editores). A Planície de inundação do alto rio Paraná - Aspectos físicos, biológicos e socioeconômicos*. Maringá: EDUEM: NUPELIA, 1997.

